



XX ENANCIB

21 a 25 Outubro/2019 – Florianópolis

A Ciência da Informação e a era da Ciência de Dados

ISSN 2177-3688

GT-10 – Informação e Memória

COLEÇÃO MOCQUERYS DE ARMAS AFRICANAS: VIDA E SOBREVIDA NO MUSEU NACIONAL

MOCQUERYS' COLLECTION OF AFRICAN WEAPONS: LIFE AND SURVIVAL AT MUSEU NACIONAL

Rachel Correa Lima – Museu Nacional; Universidade Federal do Rio de Janeiro
Guadalupe do Nascimento Campos – Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST)
Maria Lucia de Niemeyer Matheus Loureiro – Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST)

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: Este trabalho é um breve recorte da dissertação defendida em maio de 2019 que se origina de uma investigação iniciada antes do incêndio ocorrido no Museu Nacional em 2018, sendo finalizada posteriormente. Tem como intuito apresentar, de forma sucinta, a trajetória da coleção de armas africanas em metal vendida pelo viajante naturalista francês Albert Mocquerys ao Museu Nacional em 1902. Para tanto, baseia-se nas concepções de coleção propostas por Pomian, Metzger e nos vínculos e interações sociais que entremeiam o ato de colecionar e os museus evidenciados no pensamento de Benjamin, Appadurai, Kopytoff e Alberti. A metodologia utilizada fundamenta-se em pesquisa exploratória e descritiva, por meio de levantamento bibliográfico e documental, feitos anteriormente ao incêndio e referente à identificação das peças, coleta, políticas de compra e aquisição dessa coleção. A preservação das informações e processos de pesquisa das coleções do Museu Nacional, atualmente transformadas pelo incêndio e em processo de resgate, tornaram-se instrumentos importantes dentro do processo de recuperação e preservação da memória da instituição e base para novas perspectivas de pesquisas.

Palavras-Chave: Coleção; Museu Nacional; Armas Africanas; Albert Mocquerys.

Abstract: This work is a clipping of the dissertation defended in the year 2019 and originates from an investigation that began before the fire in the National Museum in 2018 and was finalized later. It aims to present the trajectory of the collection of African metal weapons sold by the French naturalist traveler Albert Mocquerys to the National Museum in 1902. It is based on the collection concepts proposed by Pomian, Metzger and the links and social interactions that intersect the act of collecting and the museums evidenced in the work of Benjamin, Appadurai, Kopytoff and Alberti. The methodology used is based on exploratory and descriptive research, through bibliographic and documentary survey, made prior to the fire and referring to the identification of parts, collection, purchase policies and acquisition of this collection. The preservation of information and research processes in the collections of the National Museum, currently transformed by fire and in the process of rescue, have become important instruments in the process of recovery and preservation of the institution's memory and the basis for new research perspectives.

Keywords: Collection; National museum; African weapons; Albert Mocquerys.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho é um recorte de dissertação defendida em maio de 2019. Por meio do método biográfico, aborda uma das coleções que integram o acervo do Museu Nacional. Trata-se de um conjunto de armas procedentes da Região do Zambeze (África) que foi vendida ao Museu por Albert Mocquerys no início do século XX. A pesquisa foi iniciada em 2017 – antes, portanto, do incêndio que destruiu o Museu, em setembro de 2018.

A pesquisa foi realizada no arquivo e nos livros de registro do Museu Nacional, porém as informações obtidas são muito esparsas e com muitas lacunas. Além disso, poucas informações foram encontradas referentes à figura emblemática de seu coletor Albert Mocquerys. Por intermédio de correspondência trocada e artigos gentilmente cedidos pelo Dr. Laurence Dorr do *Smithsonian National Museum of Natural History* foi possível resgatar a participação de Mocquerys nos processos de coleta, venda e composição de coleções em vários museus.

A trajetória da Coleção Mocquerys no Museu Nacional é reveladora de práticas de coleta e aquisição de acervos que colaboram para narrar a trajetória da própria instituição que a adquiriu e preservou desde 1902. Como observa Benjamin (2009, p.239), “coleccionar é uma forma de recordação prática”, ou seja, é uma manifestação profundamente ligada à memória. O ato de colecionar funcionaria como um instrumento que desconecta o objeto de sua função original, para reconectá-lo a uma nova relação íntima e particular, “diametralmente” oposta à sua função utilitária e dentro da “categoria singular da completude”.

2 A BIOGRAFIA DAS COISAS

Segundo Appadurai (2008, p.17), os objetos têm vida social e estão impregnados pelas relações sociais. O estudo e análise da trajetória das “coisas”, bem como de suas interações com os vários agentes sociais, ajudaria a nos aproximar da compreensão de seus significados, uma vez que as coisas não possuem significado por si só, mas por atribuição:

Para isso temos de seguir as coisas em si mesmas, pois seus significados estão inscritos em suas formas, seus usos, suas trajetórias. Somente pela análise destas trajetórias podemos interpretar as transações e os cálculos humanos que dão vida as coisas. (APPADURAI, 2008, p.17)

O autor salienta a dinâmica dessas interações sociais, por meio das quais o *status quo* das coisas não é imutável, mas pode se transformar durante sua vida:

Assim, o presente de hoje é a mercadoria de amanhã; a mercadoria de ontem é o objeto artístico de amanhã; o objeto de arte de hoje é o lixo de amanhã; e o lixo de ontem é a relíquia de amanhã. (APPADURAI, 2006, p.15, tradução nossa)

Kopytoff (2008) classifica as coisas dentro de dois grupos: as coisas comuns e com valor de mercado e as coisas singulares, que se distanciam da esfera mercantil ganhando um *status* especial e aproximando-se da singularidade. Salienta ainda que esta condição pode ser temporária, transitória e subjetiva. Desse modo, “a mesma coisa pode ser tratada como mercadoria numa determinada ocasião, e não ser em outra e (...) ao mesmo tempo pode ser vista por uma pessoa como uma mercadoria e como uma outra coisa por outra pessoa” (KOPYTOFF, 2008, p.89).

Assim sendo, Kopytoff (2008) propõe uma biografia cultural das coisas, levando em consideração que, ao se produzir uma biografia, é possível desvendar questões e aspectos até então desconhecidos de uma coisa. O que a tornaria uma biografia cultural não é o assunto, mas a perspectiva adotada, e para isso deveríamos tratar o objeto como uma “entidade culturalmente construída, dotada de significados culturalmente específicos e classificada e reclassificada em categorias culturalmente constituídas” (KOPYTOFF, 2008, p.94). Ressalta ainda a possibilidade de diferentes biografias de uma mesma coisa.

O autor nos indica que, ao traçarmos uma biografia das coisas, podemos lhes dirigir os mesmos questionamentos que faríamos ao traçar a biografia de uma pessoa:

Quais são, sociologicamente, as possibilidades biográficas inerentes a esse “status”, e à época e à cultura, e como se concretizam essas possibilidades? De onde vem a coisa, e quem fabricou? Qual foi sua carreira até aqui, e qual é a carreira que as pessoas consideram ideal para esse tipo de coisa? Quais são as idades e fases da “vida” reconhecidas de uma coisa, e quais são os mercados culturais para elas? Como mudam os usos da coisa conforme ela fica mais velha, e o que lhe acontece quando a sua utilidade chega ao fim? (KOPYTOFF, 2008, p.68-72)

Segundo Alberti (2005), que aborda os objetos em museus por meio do método biográfico, o ato da coleta tem um diferencial, uma vez que o objeto é retirado de seu contexto original e, a partir desse momento, ganha novos significados que no decorrer de sua vida podem se transformar:

O seu contexto original, muda radicalmente quando ele é coletado. Poderíamos presumir que, neste ponto de sua “descoberta”, o coletor conferiu ao objeto um significado estável que perdurou por toda sua carreira no museu. Mas para muitos objetos, este foi apenas o primeiro de uma complexa série de mudanças de significado e contexto. Além disso, as motivações para a coleta raramente foram simples (...) na história da ciência, estudos biográficos (de pessoas, mais que de objetos) há muito incluíram a análise detalhada e sofisticada de coletores e coleta científica. (ALBERTI, 2005, p.562, tradução nossa)

Esses estudos biográficos fornecem uma ideia do intrincado fluxo de coletores e “do tráfico de espécimes e outros objetos usados como ‘capital cultural’ para azeitar redes de patronagem e a construir carreiras” (ALBERTI, 2005, p.562, tradução nossa), como por exemplo, no caso abordado nesta pesquisa sobre a atuação de Albert Mocquerys.

Informações acerca da vida do objeto antes de sua musealização podem ser obtidas em registros de campo, recibos, catálogos, correspondências, publicações etc. criando um mapa da movimentação e “rede de aquisição para e entre indivíduos e museus” (ALBERTI, 2005, p.562). A biografia do objeto não termina com sua incorporação à coleção, embora este evento represente um importante marco na sua trajetória.

2.1 Informações preliminares sobre a coleção

Em outubro de 1902, Albert Mocquerys vende ao Museu Nacional um conjunto de objetos de História Natural e etnográficos de origem africana. João Batista de Lacerda, então diretor do Museu Nacional, recomenda que:

[...] os objetos zoológicos e etnográficos, da coleção comprada ao viajante Mocquerys Jr., sejam depositados nas respectivas seções sob a guarda do assistente e preparador¹ até que, regularizada a compra, possam ser incorporados às coleções do Museu².

O conjunto de objetos etnográficos, nominado no recibo de venda como “curiosidades etnológicas”, era composto de zagaia³, lanças de vários tamanhos, machados,

¹ Nesse período o professor responsável pela Seção era Domingos S. de Carvalho, que ocupou essa posição de 1899 a 1912 e seu assistente foi Públio de Mello (1899-1904), sendo substituído posteriormente por Edgard Roquette-Pinto (1905-1912). (KEULLER, 2008).

² Recomendação do Diretor João Batista de Lacerda de 4 de outubro de 1902. Fundo Museu Nacional. Série Diretoria. Avisos e Ofícios, Pasta 43, Doc. 91.

³ Pequena lança.

arco, flechas e apoio de cabeça. Toda a documentação, entre cartas, ofícios, recibo de compra e venda etc. se encontrava no Arquivo Histórico do Museu Nacional (SEMEAR).

Em levantamento feito nos livros de entrada e saída de objetos referente à 1ª Seção⁴ e à 4ª Seção⁵ foi possível identificar algumas das peças compradas. Dessa forma, em 1909 os objetos etnográficos⁶ (27 peças) e os objetos de História Natural foram registrados em seus respectivos livros de entrada e saída de objetos tendo como procedência a região do Zambeze na África.

As expedições exploratórias no século XIX geralmente se utilizavam de percursos já preestabelecidos, como rotas fluviais e comerciais e, em outros casos, acompanhavam a instauração de linhas ferroviárias e telegráficas ou ainda a demarcação de territórios. Certo é que uma das finalidades dessas viagens era a coleta de objetos para formação de coleções destinadas aos museus.

A maior parte dos objetos etnográficos da coleção Mocquerys possuía em comum um trabalho minucioso de decoração feito no cabo, com finíssimos fios de liga metálica formando intrincados padrões de decoração na forma de correntes e trançados, como mostra a figura 1. Essa decoração ora aparecia como detalhe, ora recobria todo o cabo das peças. A espessura dos fios nesses objetos era de aproximadamente 1mm.

Figura 1: Decoração de trançado de fios de liga metálica.



Fonte: foto Roosevelt (Museu Nacional) 2013

Não foi possível determinar até aqui as circunstâncias da coleta, mas várias possibilidades podem ser elencadas. A primeira delas seria como consequência da tomada de despojos de guerra ou a prática de desarmamento, uma vez que o período de coleta corresponde à época das guerras coloniais na África. Mas devemos atentar para o fato de que a decoração metálica que recobria totalmente o cabo dessas armas possivelmente dificultaria o uso como armas ofensivas. Como veremos a seguir, esse tipo de arma decorada também era usado como insígnia de poder. Outra possibilidade seria a comercialização desse tipo de objeto. Paul Guyot (1895), Hendrik Müller e Jon Snelleman (1893) descrevem em suas publicações como esse tipo de decoração era praticada e rentável à época, sendo produzida visando o mercado consumidor europeu. Existem duas peças que não figuravam

⁴ Antiga Seção de Zoologia.

⁵ Antiga Seção de Antropologia, Etnografia e Arqueologia.

⁶ Até agora, só foram localizadas duas coletas de material etnográfico por parte de Mocquerys. Na maioria das vezes suas coletas priorizavam, ao que parece, espécimes de História Natural. Sabe-se, entretanto, que em 1900 foi enviado por ele para a Sociedade de História Natural de Colmar (KOENIG, 1900) coleta de material etnográfico do Congo e descrita pela publicação do Boletim da Sociedade daquele ano.

no livro de registro como sendo da coleção Mocquerys, mas que possuíam o mesmo tipo de decoração e configuração das peças acima citadas: uma lança e um machado⁷. Este último, de madeira bem escura e com lâmina de ferro em forma de meia lua e decoração de fios metálicos, constava no livro de registro do Setor de Etnologia como “arma de matar elefantes”⁸ e aparecia nas fichas catalográficas do setor como sendo proveniente também do Zambeze.

2.2 O coletor

O Naturalista viajante francês Albert Mocquerys (1860-1926) passou sua vida dedicado à coleta de espécimes de história natural para grandes museus e para outros naturalistas no período de 1893 a 1910 (DORR, STAUFFER e RODRÍGUEZ, 2017). Nasceu em 19 de setembro de 1860 em Evreux, França, mas viveu parte de sua vida na Tunísia atuando como cirurgião-dentista, profissão de seu avô, pai e irmão. Proveniente de uma família de entomólogos⁹, viajou pela Venezuela, Brasil (MT), Serra Leoa, Congo, São Thomé e Príncipe, Gabão, Madagascar, Angola, Laos, entre outros. A maior parte de suas coletas era de insetos e plantas, mas também coletou aves e alguns objetos etnológicos, embora haja poucas referências sobre o assunto. (DORR, STAUFFER e RODRÍGUEZ, 2017)

O patrocínio de suas viagens era feito por associações de intelectuais ligados ou não ao governo¹⁰, por museus¹¹ e pela iniciativa privada representada por Lionel Walter Rothschild (1868-1937)¹², Alexandre Godefroy-Lebeuf (1852-1903)¹³, Emmanuel Drake del Castillo (1855-1904)¹⁴, entre outros.

⁷ Apesar de não terem sido coletadas por Mocquerys, devido à semelhança na decoração e procedência, na comparação com peças de outros museus, nas descrições e ilustrações de viajantes e nos trabalhos acadêmicos atuais, essas duas peças foram incluídas no conjunto estudado.

⁸ Como dito anteriormente, esse tipo de decoração, que ocupava todo o comprimento do cabo da peça, dificultaria seu uso como arma ofensiva, mas esse tipo de machado, com lâmina em formato em meia lua, é descrito em relatos de viajantes desde o século XVI como sendo utilizado em caçadas de elefante. (DEWEY, 1994)

⁹ Seu avô Simon (1792-1879) e seu pai Emile (1825-1916) eram entomólogos.

¹⁰ Através da Associação Tunisiana de Letras, Ciência e Artes; Sociedade de Geografia Comercial de Paris, entre outras.

¹¹ *British Museum of Natural History*, adquiriu vários espécimes de Zoologia de Mocquerys por intermédio de M. R. Oldfield Thomas (1858-1929); o Museu de História Natural de Berlim adquiriu espécies de insetos por intermédio de Otto Staudinger (1830-1900). (DORR, STAUFFER e RODRÍGUEZ, 2017)

¹² Banqueiro, zoólogo e político inglês, 2º Barão de Rothschild, que dedicou a vida ao estudo da Zoologia. Patrocinava uma extensa lista de naturalistas viajantes, dentre eles Mocquerys. Sua coleção privada deu origem ao Museu de Tring em Hertfordshire, Inglaterra. Em 1892 Rothschild abriu ao público sua coleção e em 1937, após sua morte o edifício que abrigava seu museu e sua coleção foram integrados ao *British Museum of Natural History* em Londres.

Mocquerys era em primeiro lugar um explorador, um naturalista-viajante como ele mesmo se descreve, mas distinto do naturalista de gabinete ou naturalista cientista. Da mesma forma Humboldt, que considerava a viagem uma experiência insubstituível, defende que “impressões estéticas experimentadas pelo viajante em cada região fazem parte da própria atividade científica” (KURY, 2001; BARBOZA, 2010). No caminho oposto, Cuvier assume que seu local de produção de conhecimento é o gabinete “tendo à disposição as mais completas coleções de História Natural” (KURY, 2001; BARBOZA, 2010).

No final do século XIX e início do século XX, os museus funcionaram como importantes centros de desenvolvimentos e divulgação de saberes baseados no colecionismo e na construção de identidades nacionais. Dentro desse contexto, as práticas de coleta dos naturalistas-viajantes contribuíram para a formação e o incremento das coleções.

Nesse período, o cuidado com as descrições físicas, matéria e técnica dos objetos, tendo como base critérios estéticos e funcionais se apoiava na percepção de que a humanidade passaria por estágios de evolução e que os objetos da cultura material seriam os indicadores desses estágios. Além disso, existia uma preocupação com a perda das características originais e tradicionais de fabricação desses objetos em face ao progresso e a coleta garantiria a preservação desses valores.

2.3 Procedência e possíveis contextos de uso

Pela indicação dada por Mocquerys, a origem da coleta dos objetos é a região do Zambeze. O rio Zambeze se localiza na região da África Austral e possui aproximadamente 2.700 km de extensão (PIKIRAYI, 2001). Nascendo na Zâmbia, percorre um longo caminho compreendendo Angola, Zimbabwe, e desagua em um grande delta em Moçambique, no Oceano Índico.

Não foi possível determinar o local exato de procedência desse conjunto de armas, mas, por meio de mapas, relatos de viajantes e de etnólogos no final do século XIX e início do XX podemos ter uma ideia da região de coleta.

¹³ Botânico e horticultor francês, especialista e colecionador de orquídeas.

¹⁴ Botânico francês, que se dedicou ao estudo da flora da Polinésia e de Madagascar. Depois de sua morte em 1904, seu herbário foi incorporado ao Museu Nacional de História Natural de Paris. Mocquerys coletou espécimes de Botânica para Drake.

Do século XV ao século XIX toda a área drenada pelo rio Zambeze, era conhecida por Zambezia¹⁵, Zambezie ou ainda simplesmente Zambeze (NEWITT, 2018; PIKIRAYI, 2001; MAUND, 1890). Édouard Foà¹⁶ e Paul Guyot¹⁷, no século XIX, indicaram essa região em seus mapas de exploração (FOÀ, 1897; GUYOT, 1895). Pikirayi (2001) nos aponta que geograficamente a Zambezia refere-se a todas as regiões ocupadas pela drenagem do rio Zambeze, mas culturalmente representa um conceito muito mais amplo, englobando todo o contingente político que dominava o Sul, centro-sul e centro-leste da África. A partir do século XIX, a região passa a ser denominada Rodésia¹⁸, em referência a Cecil Rhodes¹⁹ que, por meio de sua companhia, a *British South Africa Company*, explorou as riquezas da região. Grande parte da Zambezia, com exceção de Moçambique, eram possessões do governo britânico.

Peças similares foram encontradas nas bases de dados das coleções de outros museus, como por exemplo o *Brooklin Museum*, *Metropolitan Museum*, *American Natural History Museum* (NY), *Pitt Rivers Museum*, *Musee du Quai Branly*, *Smithsonian Museum*, sendo atribuídas ao grupo Shona²⁰. Contudo, nas bases de dados desses museus, essa indicação não aparece como sendo precisa ou exata, mas provável. Isso porque a Etnografia dos grupos que ocupavam essa região nos séculos XIX e início do XX baseada nas convenções europeias é extremamente confusa, muitas vezes incompleta e imprecisa.

Vários viajantes, exploradores, etnólogos e arqueólogos ainda no século XIX, observaram e descreveram a decoração de armas realizada com finíssimos fios constituídos de uma liga metálica ou de metal confeccionados pelos habitantes da região do Zambeze.

Dessa forma Alice Bafour em seu diário de viagem *Twelve Hundred Miles in a Waggon* de 1895 relata que:

Em *Umtali*²¹ [...] os nativos também costumam levar facas, muitas vezes com cabos e bainhas artisticamente decorados em padrões com fios de

¹⁵ Não confundir com a província atual de Zambezia em Moçambique.

¹⁶ Geógrafo francês (1862 – 1901) que participou de várias expedições na África fazendo o reconhecimento topográfico de várias regiões e relatos etnográficos, incluindo o vale do Zambeze e o antigo reino do Daomé. Publicou vários relatos e mapas sobre suas viagens entre 1891 e 1901.

¹⁷ Químico, membro da missão J. Carlos de Paiva de Andrada ao Zambeze de 1881.

¹⁸ Hoje corresponderia às áreas do Zimbábue, da Zâmbia e Malawi.

¹⁹ Cecil John Rhodes (1853-1902), político, empresário e magnata da mineração de diamantes e ouro na África.

²⁰ Os Shona ou Xona são grupos do tronco linguístico Banto que no início do século XX, viviam ao sul do rio Zambeze, principalmente no Zimbábue e em parte de Moçambique.

²¹ Cidade no Zimbábue conhecida atualmente como Mutare (a partir de 1983).

latão ou cobre (provavelmente feitos na Alemanha²²). Às vezes as clavas e zagaias são igualmente ornamentados. (BAFOUR, 1895, p.215)

Rose Blennerhassett e Lucy Sleeman em suas memórias *Adventures in Mashonaland by Two Hospital Nurses*²³ de 1893, descrevem seu encontro com o Rei M'Tassa e seu séquito: “[...] um homem carregando um belo machado de batalha, feito de madeira polida preta, curiosamente incrustado com latão” (BLENNERHASSETT, SLEEMAN, 1893, p.302). Ao perguntarem ao Rei M'Tassa sobre a possibilidade de uma troca por seu machado, este explica que não seria possível pois sempre deveria ser portado por um Rei e passado de pai para filho como herança (BLENNERHASSETT, SLEEMAN, 1893, p.304).

Müller e Snelleman (1893) se dedicaram a estudar objetos do Sudeste africano, concentrando-se principalmente na colônia portuguesa de Moçambique e nas inglesas, analisando inclusive os padrões de decoração com fios de liga metálica praticados na região da bacia do Zambeze. Outra questão que chama a atenção dos etnólogos Müller e Snelleman diz respeito à confecção de objetos para comercialização: “Encontraremos em nossas ilustrações a representação de vários objetos que os negros do Zambeze não usam eles mesmos, mas fazem, ou pelo menos adornam à sua maneira, para vendê-los a estrangeiros”. (MULLER, SNELLEMAN, 1893, p.35)

Apesar de as mercadorias serem itens com “valor de uso” e de “troca” sua produção é, do ponto de vista cultural, um “processo cognitivo e cultural” (KOPYTOFF, 2008, p.89).

Em uma biografia das coisas, apesar de partirmos da perspectiva dos objetos, o que estamos realmente retratando são as várias relações sociais que estes ocasionam. “As coisas não agem por si só, mas, sim, a cultura material sofre a ação. Pessoas imbuem coisas de valor e sentido, manipulando e contestando o seu significado ao longo do tempo” (ALBERTI, 2005, p.561). Os objetos seriam os meios para essas relações.

2.4 A vida no museu

Alberti (2005, p. 560) salienta que a história dos museus pode ser contada por meio do estudo da trajetória dos objetos em suas coleções e suas relações com outros objetos e pessoas, sejam elas curadores, museólogos, visitantes etc.

²² Curioso notar que Bafour acreditava que fossem feitos na Alemanha.

²³ Viagem de Salisbury, atual cidade de Harare capital do Zimbábue, até Beira em Moçambique.

Podemos traçar a trajetória de coisas de museus desde a aquisição até o arranjo da exposição, através de diferentes contextos e das muitas mudanças de valor decorrente desses movimentos. Ao fazer isso estudamos uma série de relações em torno de objetos, primeiro em seu caminho para o museu e, em seguida, como parte da coleção. Trata-se de relação entre pessoas e pessoas, entre objetos e objetos, e entre objetos e pessoas. (ALBERTI, 2005, p.561-562, tradução nossa)

Em seu artigo *Objects and Museum*, Alberti (2005, p. 561) estrutura sua pesquisa de acordo com três fases da vida de um objeto de museu. A primeira fase representa a mecânica do movimento deste objeto desde sua fabricação, coleta, aquisição, as várias mudanças de significado e status. A segunda fase representa sua chegada ao museu, seu uso, processamento técnico de classificação, pesquisa e exposição e finalmente a terceira fase seria a natureza da relação do objeto com o espectador, visitantes e públicos.

É interessante notar que em seu recibo de venda Mocquerys intitula o conjunto de itens como “Coleção Albert Mocquerys”. Esta característica de “coleção” será mantida e reproduzida nos livros de registro do Setor de Etnologia e Etnografia do Museu Nacional.

Para Pomian, coleção é “todo conjunto de objetos naturais ou artificiais, mantidos temporariamente ou definitivamente fora do circuito de atividades econômicas, submetido a uma proteção especial em um lugar fechado, mantido com este propósito, e exposto ao olhar” e por isso passível de ser preservado (POMIAN, 1984, p.53)²⁴.

Nas palavras de Pomian (1984), as coleções “são formadas por objetos homogêneos sob um certo aspecto: eles participam no intercâmbio que une o mundo visível e o invisível”. (POMIAN, 1984, p. 66). Funcionam como pontes de ligação entre o espectador que as observa e um leque de possibilidades e de camadas temporais da história do objeto. Se, de um lado, temos as coisas, os objetos utilitários que usamos no dia a dia, de outro temos os semióforos, objetos singularizados, dotados de significado e quanto mais significado menos utilidade lhe é atribuída.

Metzger (2006, p.48-49) entende coleção como o “produto” de uma seleção intencional de “objetos semelhantes ou complementares” que despertem o “interesse estético, científico, cultural ou simplesmente informativo” e que segue uma “certa

²⁴ A definição de Pomian é por vezes criticada por privilegiar coleções musealizadas, embora o autor a estenda a diferentes tipologias de conjuntos, como oferendas aos deuses e mobiliário fúnebre, dentre outras. Seu uso neste trabalho prendeu-se sobretudo à ênfase na preservação e na exposição ao olhar.

coerência” dando-lhes significado. Essa estrutura acaba por servir de base para a “curiosidade, a pesquisa, a descoberta e a interpretação”. E complementa dizendo que:

Uma coleção, por assim dizer, pode ser considerada como um espaço onde os objetos são distribuídos; espaço artificial e abstrato onde os objetos são posicionados em relação uns aos outros. As grandes coleções geralmente têm forte valor cultural, uma vez que combinam objetos raros ou únicos cuja reunião resulta de um longo trabalho de investigação e de análise. (METZGER, 2006, p.48-49, tradução nossa)

Para ele, uma das funções da coleção seria a de “conservação”, considerada pelo seu papel de preservação dos itens que a compõem, sejam eles objetos materiais, que eventualmente possam “desaparecer da memória dos homens e sofrer os ultrajes do tempo” ou imateriais, como os dados, declarações, imagens, sons etc. (METZGER, 2006, p.48-49)

Apesar de a coleção Mocquerys ter sido comprada em 1902, de fato, essa só aparecerá descrita nos livros de entrada de objetos do Museu Nacional em 1909²⁵. Os trâmites da “regularização” da compra ainda não estão claros. Ao que parece, em 1903, Mocquerys envia correspondência para a Inglaterra de Mossamedes²⁶ (GO) e em 1909 aparece embarcando no paquete Xingu²⁷ com sua esposa saindo de Cuiabá e se dirigindo a Cárceres (MT), indicando assim alguns dos locais visitados por ele em sua estada no Brasil²⁸.

No recibo de venda escrito por Mocquerys em francês constam²⁹: 1 pele de leão; 1 pele de leoa; 2 *Crocodilus nilauticus*; 1 cabeça de *Delphinus delphis*; 1 dente de elefante fóssil; 1 águia pescadora do Zambeze; 2 grandes aves aquáticas; um lote de pássaros diversos; uma caixa de aracnídeo e lepidóptera; 1 lote de curiosidades etnológicas (27 peças) e 2 dentes de *Phyceter macrocephalus*³⁰.

Esses objetos aparecem descritos no “Livro de Lançamento de Objetos Entrados no Museu Nacional”, conhecido informalmente como “Livro do Porteiro”, que foi instituído a partir da reforma administrativa de 1876 feita por Ladislau Netto (MOREIRA, 2017). Era o

²⁵ Livro de Entrada e Saída de objetos do Museu Nacional, 1893-1933, D213. SEMEAR, Museu Nacional.

²⁶ Carta de Albert Mocquerys para Walter Rothschild de 13 de novembro de 1903. Fundo Tring, TR1/1/24/303. *Archives Catalog of Natural History Museum of London*.

²⁷ Correio do Estado do Matogrosso, 1909.

²⁸ No Brasil, coletou principalmente aves no Pantanal.

²⁹ Recibo de venda de outubro de 1902. Fundo Museu Nacional. Série Diretoria. Avisos e ofícios. Pasta 43, Doc. 91., 1895-1915. SEMEAR, Museu Nacional.

³⁰ Cachalote.

Porteiro³¹ (cargo administrativo) que deveria fazer a inscrição dos objetos e coleções recebidos no Museu Nacional além de “abrir e fechar as portas do edifício, velar pela segurança e asseio deste e de suas dependências, expedir a correspondência e cumprir todas as ordens do diretor geral” (MOREIRA, 2017).

O estudo da Coleção Mocquerys e da discriminação das peças que a compõem nos fez perceber que um dos problemas para sua identificação se refere à dissociação, além da pouca informação contida nos livros de registro do Setor. Assim, tínhamos várias peças sem numeração e/ou sem localização. Tanto no recibo de venda escrito por Mocquerys, como no registro das peças no “Livro do Porteiro”, constavam um total de 27 peças etnográficas, sendo elas : 1 arco de madeira e fio de cobre; 1 travesseiro de madeira; 5 zagaias de 1 ponta; 4 zagaias grandes de 2 pontas; 4 zagaias pequenas de duas pontas; 1 lança; 4 flechas (envenenadas?); 5 armas (machados) de ferro e fios de cobre; 1 machado com cabo de madeira nua; 1 garra de leão encastada em ouro. Já no arquivo de fichas catalográficas e no livro de registro do SEE, constavam como sendo do coletor Mocquerys 16 peças, portanto 11 não estavam identificadas. Das 16 peças, foram identificadas na reserva técnica e na exposição 11 peças³². Eram elas: 2 zagaias pequenas de duas pontas; 2 zagaias pequenas de 1 ponta; 5 machados pequenos com lâmina curva; 1 arco e 1 apoio para cabeça de madeira. Com exceção do apoio de cabeça, todas as peças localizadas aparecem no livro de registro do Setor de Etnologia e Etnografia (SEE) com a descrição: “arma de ferro dos negros do Zambeze. Coll. Mocquerys”. Essas peças possuíam lâmina de ferro e decoração de fio de liga metálica em todo o comprimento de seus cabos, com exceção do arco que era decorado por fios apenas em alguns pontos.

As classificações de objetos nos grandes museus variaram de acordo com a época e com os objetivos de suas coletas. Constantemente estavam relacionadas às práticas de classificação em campo priorizando por vezes áreas geográficas (ex: índios da Amazônia) e rotas fluviais (ex: índios do Rio Negro). Nesse período, o grande volume de objetos coletados no campo e seu envio sem identificação muitas vezes gerou “séries de objetos sem descrição pormenorizada, fazendo com que as coleções já ingressem nos museus com parte de sua potencialidade documental perdida”. (NASCIMENTO, 2009, p.73)

³¹ Nesse período, o cargo de porteiro era ocupado por Carlos Leopoldo César Burlamaqui que acumulava também os encargos de preparador da 3ª seção de ciências físicas (mineralogia, geologia e paleontologia geral).

³² Isso aconteceu em decorrência da falta de número nas peças e não do extravio ou ausência de peças.

O Setor utilizava o sistema de um único número, sucessivo e sequencial para a inscrição dos objetos. Segundo Nascimento (2009, p.33) o uso desta metodologia, provavelmente, está associado à primeira listagem feita das coleções etnográficas do museu, para a publicação dos relatórios e guias da Exposição Antropológica de 1882.

Não sabemos se as peças da coleção Mocquerys aqui estudadas figuraram na grande reforma das exposições no século XX (1947) coordenada por Luiz de Castro Faria³³, mas seus relatos informam que foi dedicada uma área para os conjuntos de peças africanas.

Em 2006, a exposição africana foi reformulada³⁴, ocupando duas pequenas salas e incluindo algumas das peças da coleção Mocquerys, (machado, o arco, e zagaia), incluído o machado e a lança do Zambeze, em um total de cinco peças.

No ano de 2014, foi inaugurada a exposição de longa duração de África³⁵, denominada *Kumbukumbu*³⁶, onde algumas peças da Coleção Mocquerys³⁷ figuravam na vitrine da “Guerra Colonial”. Eram elas: o arco, alguns machados e zagaia, incluindo o machado e lança do Zambeze e totalizando seis peças.

2.4.1 Incêndio, resgate e sobrevivida

Na noite do dia 2 de setembro de 2018, um grande incêndio assolou o Museu Nacional, destruindo grande parte de seu acervo. As peças referenciadas nesta pesquisa³⁸ encontravam-se parte na exposição Kumbukumbu, localizada no 2º andar, e parte na reserva técnica do SEE localizada no 3º andar do Museu. Nessa área todos os pavimentos colapsaram sobre o restaurante que ocupava o andar térreo, mas o telhado se manteve intacto. Após o ocorrido, foi iniciado o escoramento da parte estrutural do prédio e começou-se um resgate preliminar. Várias peças foram resgatadas durante esse processo e passavam pelo trabalho da triagem que fotografava, registrava e encaminhava para o local de guarda provisória, contêineres climatizados, ou eram encaminhados para os laboratórios para tratamento emergencial.

³³ Em 1947, durante a direção de Heloisa Alberto Torres, o Prof. Castro Faria reformula as exposições de antropologia e arqueologia (17 salas), sendo o plano museográfico coordenado por George Julien Simoni (FARIA, 1949, p. 18). Nesse ano ocorre a reabertura da área expositiva, fechada ao público em anos anteriores.

³⁴ Museografia de Thereza de Barcellos Baumann Zavataro.

³⁵ Museografia e curadoria de Mariza de Carvalho Soares.

³⁶ Em *swahili* significa memória.

³⁷ Como o incêndio de 2018 todas as peças foram destruídas, incluindo as que estava na reserva técnica do SEE. Atualmente algumas dessas peças (partes compostas por metal e ligas) já foram resgatadas. Ver figuras 2 e 3.

³⁸ Seis das peças aqui estudadas.

XX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2019
21 a 25 de outubro de 2019 – Florianópolis – SC

As fichas de registro do resgate continham além da descrição do lote de peças, o local exato de onde foram escavadas. Todo o processo aplicado no resgate foi feito seguindo metodologia arqueológica.

As equipes formadas pelo resgate eram compostas de curadores, professores, alunos e técnicos das várias áreas de atuação do Museu e outras instituições sobre a supervisão da arqueóloga e coordenadora Profa. Cláudia Rodrigues Ferreira de Carvalho, ex-diretora do Museu.

Em meados do mês de janeiro, uma parte da Coleção Mocquerys foi resgatada da área de exposição, juntamente com o machado e a lança descritos nesta pesquisa, totalizando seis das peças que se encontravam expostas.

A parte das peças composta de madeira foi totalmente destruída, mas as partes metálicas foram relativamente preservadas. Embora, muito provavelmente as microestruturas das lâminas dos machados e lanças tenham sido alteradas, devido à alta temperatura a que foram submetidas, a morfologia das peças de um modo geral, permaneceu íntegra. Assim como os elementos decorativos, que apesar de fragmentados, também mantiveram a sua morfologia original parcialmente íntegra, conforme indicam as Figuras 2 e 3.

Atualmente a Coleção Mocquerys integra as coleções do Resgate, que serão incluídas ao projeto, hoje em vigência no Setor, que disponibilizará as coleções na internet, reunindo informações tanto do Resgate quanto as anteriores ao incêndio.

Figura 2: arma de propulsão da coleção Mocquerys depois e antes do incêndio.



Fonte: foto Rachel Correa Lima 2019 e foto Roosevelt Mota (Museu Nacional) 2013.

Figura 3: pontas e parte da decoração em fios metálicos do cabo da Zagaia da Coleção Mocquerys depois e antes do incêndio.



Fonte: fotos Rachel Correa Lima 2019 e foto Roosevelt Mota (Museu Nacional) 2013.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A constituição de uma coleção de museu, como um conjunto de objetos ordenados de forma intencional, e fundamentada na natureza do valor atribuído aos objetos que a compõem, parte de um sistema de seleção ao transformar uma coisa em objeto de museu ou como Pomian denomina, em um objeto singular (semióforo). Percebe-se então, que esse processo não é imparcial, pois se apoia em um contexto social, espacial, histórico, cultural e está estreitamente vinculado à atribuição de valores.

A musealização - também entendida como um conjunto de processos que favorece a preservação física e informacional - é uma etapa importante dentro da trajetória de um objeto. Esta não se caracteriza apenas pela retirada do objeto dos sistemas de troca e circulação ou de seu contexto de origem para atribuir-lhe um novo significado dentro de uma coleção museológica. Esse novo contexto e mudança de status também engloba a seleção, divulgação, pesquisa, exposição, documentação, conservação e todos os eventos relacionados ao objeto e sua trajetória.

A abordagem biográfica nos possibilita visualizar diferentes aspectos dos objetos que integram uma coleção: suas relações, interdependências e contextos sociais envolvidos, e valores atribuídos dentro de diferentes contextos temporais e espaciais. Possibilita, portanto, conhecer mais e melhor a coleção como um todo e cada um de seus objetos, em particular.

Apesar de ter sido, sem dúvida, um triste evento, o incêndio do Museu Nacional traz consigo uma esperança pautada, segundo palavras do curador das coleções etnográficas, em novas ações de preservação e padrões de colecionamento de forma mais participativa e colaborativa.

O incêndio do Museu Nacional impactou a pesquisa e em grande medida mudou seus rumos. A perda dos documentos digitalizados, transcritos e usados para seu desenvolvimento, assim como a sobrevivência de parte da Coleção Mocquerys, conferiu à pesquisa um estatuto não previsto, o de registro de um evento que destruiu parte do acervo, incluindo os documentos consultados, e causou danos nos objetos sobreviventes, que agora trazem em sua materialidade a marca de um triste capítulo na história da instituição. Mas, por outro lado, conforme ressalta Cláudia Rodrigues Ferreira de Carvalho em entrevista para o documentário “Resgates” (2019), novas perspectivas de pesquisa e novas possibilidades de análises se abrem a partir do incêndio, levando a produção do conhecimento a novos patamares.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Samuel J. M. Objects and the Museum. *Isis: Journal of the History of Science*, v. 96, n. 4, 2005, p. 559-571. Disponível em:
<https://warwick.ac.uk/fac/arts/history/students/modules/hi916/week5/alberti_objects_and_the_museum.pdf>. Acesso em 29 jul. 2019.

XX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2019
21 a 25 de outubro de 2019 – Florianópolis – SC

APPADURAI, Arjun. Introdução: mercado e a política de valor. In: APPADURAI, Arjun. **A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural**. Niterói: Eduff, 2008.

APPADURAI, Arjun. The thing itself. **Public Culture**, v. 18, n. 1, p. 15-22, 2006.

BAFOUR, Alice Blanche. **Twelve Hundred Miles in a Waggon**, London: Edward Arnold, 1895.

BARBOZA, Chistina Helena da Motta. Ciência e Natureza nas expedições astronômicas para o Brasil (1850-1920). **Boletim Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**. Belém, v.5, n. 2, 2010.

BENJAMIN, Walter. O Colecionador. In: **Passagens**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009, pp. 237-246.

BLENNERHASSETT, Rose; SLEEMAN, Lucy. **Adventures in Mashonaland by two Hospital Nurses**. London: Macmillan and Co., 1893.

CASTRO FARIA, Luiz de. As Exposições de Antropologia e Arqueologia do Museu Nacional. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1949.

DEWEY, William. AK-47S for the ancestors. **Journal of Religion in Africa**. N.24, p.358-374, 1994.

DORR, Laurence J.; STAUFFER, Fred W.; RODRÍGUEZ, Leyda. Albert Mocquerys in Venezuela (1893-1894): A Commercial Collector of Plants, Birds and Insects. **Harvard Papers in Botany**, Massachusetts, v. 22, n. 1, p.17-26, jun. 2017.

FOÀ, Édouard. **Traversée de l'Afrique équatoriale de l'embouchure du Zambèze (Océan Indien) à celle du Congo (Océan Atlantique) par les grands lacs (1894-1897)** : mission de M. le ministre de l'Instruction publique, 1898.

GUYOT, Paul. **Le Zambèze**. Paris, 1898.

KEULLER, Adriana Tavares do Amaral Martins. **Os Estudos físicos de antropologia no Museu Nacional do Rio de Janeiro: cientistas, objetos, ideias e instrumentos (1876-1939)**. São Paulo: FFLCH/USP, 2008 (Tese de Doutorado).

KOENIG, C. Un lot d'objets pahouins provenant du Congo français. **Bull. Soc. Hist. Nat. Colmar**, n.s. V, 1900, p. lxi-lxx.

KOPYTOFF, Igor. a biografia cultural das coisas: a mercantilização como processo. In: APPADURAI, Arjun. (org.). **A vida social das coisas. As mercadorias sob uma perspectiva cultural** [1986]. Niterói: EdUFF, 2008.

KURY, Lorelai. Viajantes-naturalistas no Brasil oitocentista: experiência, relato e imagem. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**. Rio de Janeiro, v. 8 (suplemento), p. 863-880, 2001.

XX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2019
21 a 25 de outubro de 2019 – Florianópolis – SC

METZGER, Jean-Paul. L'information-documentation. In: OLIVESI, Stephane (org.). **Sciences de l'information et la communication** – objets, savoirs, discipline. Presses Universitaires de Grenoble, 2006.

MAUND, E. A. Zambezia, the new British possession in Central South Africa. **Royal Geographic Society**, n. 11, nov. 1890.

MOREIRA, Gustavo Alves Cardoso. A preservação dos documentos históricos do Museu Nacional: "O livro do porteiro" Livro de Lançamento de Objetos Entrados no Museu Nacional. In: **Comemoração dos 199 anos do Museu Nacional/UFRJ** - ciência, história e cultura na Quinta da Boa Vista, Rio de Janeiro: Seção de Memória e Arquivo - SEMEAR, 2017. 1 p.

MULLER, Hendrik P.N. e SNELLEMAN, Joh F. **Industrie des cafres de sud-est de l'Afrique**: collection recueillie sur le Lieux et notice ethnographique. Leyde: E. J. Brill, 1893.

NASCIMENTO, Fátima Regina. **A formação da coleção de indústria humana no Museu Nacional, século XIX**. 2009. 271 f. Tese (Doutorado) - Curso de Antropologia Social, Antropologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

NEWITT, Malyn. Southern Zambezia States and Indian Ocean Trade, 1450–1900. **Oxford Research Encyclopedia of African History**. Disponível em: <<http://africanhistory.oxfordre.com/view/10.1093/acrefore/9780190277734.001.0001/acrefore-9780190277734-e-289>>. Acesso em: 29 jul. 2019.

PIKIRAYI, Innocent. David Beach, Shona History and the Archeology of Zimbabwe. **Zambezia**, XXVI (II), University of Zimbabwe, 1999, p. 135-144.

POMIAN, Krzysztof. Coleção. **Enciclopédia Einaudi**. Porto: Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 1984. p. 51-86.